

Diversidade e identidade de gênero: uma abordagem necessária no cotidiano escolar

Diversity and gender identity: a necessary approach in everyday school life

Valteones da Silva Rios¹; Nilcelio Sacramento de Sousa²; Adenir Carvalho Rodrigues³.

Resumo

O presente trabalho buscou dialogar a respeito da necessidade que há em abordar temas relacionados à diversidade e identidade de gênero no ambiente escolar. Ao decorrer do trabalho, foram discutidos os termos sexo, sexualidade e gênero no solo educacional sobre a égide do pensamento de pesquisadores/as consagrados/as como: Beauvoir, Foucault, Louro, Freire. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, os dados coletados durante o processo, partindo de observações, levantamento de informações via questionário, numa análise das informações seguindo uma abordagem qualitativa, deram suporte para compreender mais desse universo e chegar a conclusões satisfatórias quanto à necessidade imperativa de abordar temas desse calibre. Neste processo foram realizadas análises bibliográficas, para, a partir das leituras, conceber maiores discussões. Foi percebido, o tanto que temas voltado a este solo de discussão ficam de fora das aulas e planejamentos por parte de muitos professores/as, os/as quais, aguardam oportunidades, brechas para inserir essas discussões ou raramente as realizam.

Abstract

This work sought to discourse about the necessity that there is in approach topics related to gender diversity and identity on the school arena. During this work, was discussed the terms sex, sexuality and gender on the educational place under aegis thought searchers as: Beauvoir, Foucault, Louro, Freire. The used method was qualitative search, the collected data during the process, leaving from observations, information surveying via questionnaire, on analyses of information following a qualitative approach, they gave support to comprehend more about this universe and reach to satisfactory conclusions as imperative necessity on approach topics of this caliber. On this process was performed bibliographic analyses, to, as from readings, conceiving bigger discussions. It was perceived, much that topics toward to this discussion arena stay outside of classes and class planning for many teachers, they wait opportunities, gaps to insert these discussions or rarely use them.

Palavras-chave: Diversidade sexual. Identidade de gênero. Escola.

Keywords: Sexual diversity. Gender identity. School.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Inglês - Faculdade Estácio de Sá; Especialista em Docência, gênero e sexualidade - Faculdade Integrada. Professor de Ensino Fundamental I e II no município de Mairi/BA. valteonesrios@gmail.com

² Graduado em Pedagogia - Universidade do Estado da Bahia e Ciências Naturais pela Universidade Federal do Vale do São Francisco; Especialista em Gestão, coordenação e Orientação Educacional; Mestre em Educação e Diversidade pela UNEB; Professor de Ensino Fundamental II e Nível Superior no município de Mairi/BA. nilceliosousa@hotmail.com

³ Graduado em Filosofia – Faculdade João Calvino e História pela Universidade do estado da Bahia- UNEB; Especialista em Filosofia Clínica e Educação de Jovens e Adultos; Mestre em Educação e Diversidade pela UNEB; Professor de Ensino Médio na Secretaria Estadual de Educação da Bahia e Ensino Superior em Bonito/BA. adcfilos79@hotmail.com

Introdução

Nesses tempos líquidos em que a informação, a velocidade, a globalização negativa e tantos outros fatores impõem ferrenhamente as regras, tomam as rédeas da sociedade e criam padrões que estigmatizam a todos nós em qualquer rincão do mundo, vemo-nos acuados e escravos de padrões que se diluem a todo instante, visto que, a solidez não consegue enraizar-se devido à agressiva velocidade em que tudo parece ocorrer.

Diante disso tudo, tornamo-nos mais ácidos e cada vez mais nossas ações tornam-se mecânicas, robotizando nossas escolhas, alienando-nos e sendo influenciados a todo instante pela torrente de informação e estímulos mais céleres e diretos. Passamos a tratar o outro com asco ou com lisonja, a depender de estar ou não conforme padrões impostos por ranços históricos, por ideologias dominantes que procuram ditar os caminhos humanos.

O termo igualdade tem sido bastante empregado nesses últimos tempos, impregnado por discursos cada vez mais vazios e distantes de seu real significado, cada vez mais cheios e salpicados de preconceitos e ideologias elitistas, conservadoras e reacionárias; pois, não somos iguais e não devemos pensar dessa forma, visto que nossas culturas e identidades salvaguardam nosso direito de sermos nós mesmos, pertencentes a grupos culturais específicos que nos libertam e fortalecem ao mesmo tempo em que nos pune e aprisionam. No entanto, precisamos sair constantemente dessas cavernas reacionárias para assumir nossos papéis sociais, alçar voos e promover deslocamentos fortes e pertinentes.

Convivendo diariamente com a necessidade pungente de abordar temas e criar oportunidades para discussões relacionadas à liberdade e diversidade de gênero, assim como garantir que as vozes dos sujeitos sejam ouvidas, cada um do seu modo, gritam silenciosamente por momentos em que possam expressarem-se e sanar dúvidas relativas a este universo em estudo. Sendo assim, nasce a necessidade de discutir esta temática num solo fértil e recheado de personalidades e identidades distintas, a sala de aula. Não obstante, mesmo sendo tão real e corriqueira estas necessidades, percebe-se cada vez maior o silêncio por parte dos sujeitos produtores de conhecimento e cultura em problematizar e discutir essas questões.

Partindo dessa constatação, assim como tomando impulso devido a tantas produções e abordagens no cerne acadêmico, surge a necessidade de dialogar acerca dessa (não) abordagem de temas relacionados à diversidade e identidade de gênero no cotidiano escolar.

No bojo dessa discussão, faz-se imperativo interpelarmo-nos quanto ao porquê destes amordaçamentos, pois, mesmo presenciando, diariamente questões relativas à diversidade e identidade de gênero serem abordados em estudos nas diversas áreas do conhecimento na academia, estes temas ainda são tão simploriamente abordados ou não são tidos como tópicos relevantes de discussão em espaços escolares da Educação Básica.

Há grande tabu quanto à abordagem desses temas no espaço escolar, segregados e diminuídos ao longo das séries, deixados de lado para “quando puder”, “quando der certo”, “quando surgir oportunidade”.

Nesta pesquisa, refletimos sobre como vêm e se vem sendo tratados e abordados temas correlacionados à diversidade e identidade de gênero no cotidiano escolar, analisando *in lócus* como questões e temas relacionados à diversidade e identidade de gênero (não) são abordados em sala de aula pelos diversos sujeitos. Para isso, utilizamos questionários e conversas com os docentes em várias áreas do conhecimento, visto que, faz-se extremamente necessário ouvir os diversos sujeitos envolvidos na práxis pedagógica dentro de ambientes formais de educação, para só assim ter sido possível dar corpo a este trabalho.

Antes de dar prosseguimento a qualquer etapa de pesquisa, é preciso realizar intensa e precisa pesquisa bibliográfica, como reza Brunner e Jesus (2007) ao demonstrar que a pesquisa bibliográfica deve existir em todas as pesquisas, assim, arregimentando, colecionando e tecendo informações numa tessitura analítica, dialógica e objetiva, a partir daí, após embasamentos sólidos, realizar também pesquisa *in lócus*, focando os sujeitos e o objeto da pesquisa.

Para, então, beber dos saberes-fazer vivenciadas pelos/as colaboradores/as, alvos desta perquiria, foi realizada pesquisa de campo no Grupo Escolar Getúlio Vargas, escola municipal no município de Mairi-BA, por meio de questionários aplicados a seis (6) professores/as das seguintes disciplinas: Geografia, Matemática, Língua Portuguesa, Redação e Inglês.

No tocante a abordagem empregada, foi utilizada a qualitativa, visto que, esta, permite analisar os discursos imbricados em cada situação, em cada prática e experiência desses sujeitos que fazem a educação cotidianamente.

Os dados coletados foram organizados por temas e discutidos com comentários pertinentes, tecidos com fios cognoscitivos de fontes diversas, trazendo nessa trama, ideias de importantes pesquisadores da área, para que, reflexões e ideias pudessem nascer e fluir desse vai-e-vem que é o conhecimento.

1. Um parêntese necessário: conceituando termos, alargando conhecimentos

Os termos gênero, sexo e sexualidade carecem de um olhar pontual, porque além de serem alvos de nossas discussões, têm sido alvos de muitas confusões ao longo das décadas.

Para discutirmos a respeito do termo gênero, invocamos as ideias de Scott (1995):

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p.75.).

Sendo assim, o termo em análise é um construto social, acometido por categorizações sociais advindas de diferentes instituições, dentre elas com grande poder estão a igreja e a família, capazes de criar amarras históricas fortemente características e geradoras de imensos tabus, nos quais, vê-se a reprimenda de uma série de descobertas e desejos corpóreos. A este respeito, afirma Louro (2007, p. 18) “a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações [...]. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado”.

No final dos anos 1940, Beauvoir publicou seu livro *O Segundo sexo* e sacudiu o mundo ao dizer que ninguém nasce mulher, mas com o passar do tempo torna-se uma. Até então, os termos destinados a diferenciar os sexos eram “masculino” e feminino”, bem sabido hoje, que estes dois termos são muito mais amplos que essa ideia biológica de sexo (macho e fêmea). Dessa forma, podemos nos arriscar em dizer que ninguém nasce homem também, mas com o passar dos anos e das absorções e trocas culturais e sociais, vem a se tornar um homem, pois, gênero está mais para valores e normas sociais do que a diferenciação por meio de gônadas. Para fortalecer esta ideia, bebamos dos pensamentos de Borges (2007, p. 509) “gênero pode ser entendido como o processo pelo qual a sociedade classifica e atribui valores e normas, construindo assim, as diferenças e hierarquias sexuais, delimitando o que seriam papéis masculinos e femininos”.

Concernente ao termo SEXO, termo comumente confundido com SEXUALIDADE, podemos dizer que ele refere-se a uma diferenciação biológica acometida pela presença de órgãos específicos (pênis e vagina) e de uma representação cromossômica (XX, XY), assim, é possível dizer que sexo em termos usuais é definido por MACHO e FÊMEA. Não obstante, há aqueles que, muito raramente nascem com a presença das duas gônadas, estes, por sua vez, antes taxados de hermafroditas, animalizados e alvos de preconceitos ferrenhos, hodiernamente chamados de intersexuais. Sterling (1993) faz importante estudo quanto a este termo em seu trabalho intitulado Os cinco sexos: porque macho e fêmea não são o bastante, mostrando-nos, baseados em seus estudos biogenéticos, a existência de três subgrupos: os/as intersexuais verdadeiros/as, chamados/as por ela de *hermes*; os/as pseudo hermafroditas masculinos, os/as *mermes* e os/as pseudo hermafroditas femininos, os/as *fermes*. Além dessa ótica, o termo sexo também se refere ao coito, não obstante, este não é nosso viés para análise.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual trazem importante corroboração a este termo quando diz que “sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais) [...]” (PCN, 2001, p.11).

O termo SEXUALIDADE tem um universo de significação que comporta uma série inesgotável de descobertas, ranços e dúvidas, sai do simples plano anatômico, biológico e funcional e perpassa por veredas mais alargadas pela cultura e vivências ao longo de tantos séculos; pois a sexualidade é “[...] entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais” (PCN, 2001, p.11).

Sexualidade, a saber, é um amálgama de informações, sensações, orientações, descobertas... que perpassam pelos mais variados e contestados solos culturais, sociais e históricos. Louro (2000, p. 6), em seu trabalho intitulado - O corpo educado: pedagogias da sexualidade abrilhanta-nos com uma definição cabal quanto ao termo em análise “[...] em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem "verdades”.

O próprio Foucault (1988) salienta que este termo é um dispositivo histórico atrelado a um conjunto de veras heterogêneo que se entrelaçam formando uma rede encabeçada por fios oriundos das mais diversas esferas, campos e entidades sociais e históricas, bem como os discursos atrelados aos diferentes tipos de solo. Portanto, tratamos aqui de um termo que comporta as ideias de gênero e sexo e, em seu bojo traz influências sociais determinantes e determinadoras de identidades, orientações, expressões do próprio gênero em vieses simbólicos, ideológicos e com força real dentro das sociedades ao longo das décadas.

2. Por onde andamos?

Esta pesquisa tomou como princípios para a definição metodológica questões inerentes à pesquisa qualitativa, uma vez que trabalha com o universo dos significados, motivos, desejos, valores, atitudes, aspectos que não podem ser quantificados e que fazem parte da realidade social. Assim, a pesquisa foi desenvolvida no Grupo Escolar Getúlio Vargas, situada na cidade de Mairi/BA e envolveu 02 professores e 04 professoras.

Diante disto, para que todo este trabalho ganhasse a devida projeção e se solidificasse, galgando solo e firmeza, foram utilizados alguns meios para dar embasamento tanto conceitual quanto empiricamente, sendo a coleta de dados e demais informações muito pertinentes e metodologicamente bem trabalhadas. Eles foram: livros, artigos, teses (pesquisa bibliográfica) e um questionário, doravante chamado de I, aplicado aos professores do Grupo Escolar Getúlio Vargas, que quiseram, de bom grado, participar da pesquisa. Este instrumento, como bem elucida Cervo e Bervian (1983, p. 159) “o questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”, buscou coletar informações com os sujeitos atuantes na escola, em sala de aula, para que as análises e reflexões se tornassem mais profundas e pertinentes.

3. Refletindo e construindo tessitura dialógica

Durante a construção desta pesquisa, traçamos inúmeros diálogos fecundos através de diversas fontes, para que, a partir do arcabouço formado, pudéssemos dar sentido a cada pensamento aqui analisado, permitindo maiores deslocamentos, formando bojos sensatos e

capazes de, numa superfície telúrica, ampliar, tecer e entremear diversidade de pensamentos, ideias e reflexões costuradas com fios das experiências.

Não bastaria, portanto, apenas usar de ideias teorizadas por tantos renomados/as escritores/as e pesquisadores/as, mas da experiência vivida *in loco* por profissionais que atuam em sala de aula e fazem, com o pouco ou quase nada de que dispõem, o milagre da educação, para que a magia da aprendizagem possa ocorrer, pulular do espaço onírico para solos férteis e frutíferos.

De tal modo, apresentamos algumas das falas dos/as professores/as colaboradores da pesquisa, a respeito dos conceitos de gênero, sexo, sexualidade..., que revelam dentro outras coisas, as dificuldades e acertos sobre a forma de abordarem essas temáticas e consequentemente a prática pedagógica docente.

No tocante a ideia de gênero, termo que carrega um universo de significação e traz em seu bojo fortes lutas travadas durante todas estas décadas a fio, percebemos que ainda permanece incompreendido, mesmo estando em uma arena cada vez mais contestada; pois os/as professores/as ao serem questionados/as sobre o que entendiam por gênero, expressam-se da seguinte maneira:

As relações sociais de poder entre homens e mulheres da transformação da sociedade, onde cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais, com isso, não pode deixar de assumir sua responsabilidade acerca da construção de gênero (R, AM).

Tudo aquilo que diferencia socialmente as pessoas. Também pode e deve ser a diferença entre homem e mulher. Avaliado gênero devemos fazê-lo, pois em observância à falta da sociedade com cultura e história, em determinados espaços de tempo (S, KL).

A referida palavra está relacionada a homem ou mulher. Refere-se ao conjunto de seres com características básicas em comum (A, BSG).

Para mim, gênero vai além de "sexo masculino" ou "sexo feminino", é questão de identidade, de como o indivíduo se percebe (R, JCA).

Depende do contexto em que a palavra é utilizada. Sabe-se que a definição de Gênero torna-se, assim, complicada, pois apresenta vários significados. De uns anos para cá, começou-se a escutar algumas pessoas, tanto no movimento de mulheres quanto na Academia [...]. Contudo, para mim se refere a espécie humana: homem e mulher (A, GORB).

Os depoimentos expõem claramente, que o entendimento do termo parece estar confinado a uma confusão histórica, cultural, em que são passados a ermo para outras épocas sem devida discussão, apagamento de erros e empoderamento de acertos. Gênero não é o mesmo que sexo, apesar de um estar intrinsecamente imbricado no outro, este equívoco vem sendo propagado, perpassado e os equívocos permanecem vivos, apesar das tantas e renhidas lutas sociais para desmistificar e despreconceituar nossos discursos.

Gênero é *uma categoria e uma construção social*, como bem cunhou Scott (1989). Sendo então, uma *categoria*, estamos impelidos a um enquadramento dentro ou fora dessa classificação, a qual vem encharcada de discursos políticos, culturais, preconceituosos, amordaçantes e estagnados numa cultura binária, validados por poderes simbólicos construídos num sistema elitista e machista, misógino, sexista, no qual, a figura masculina é tida como a mais e a melhor, detentora dos poderes, dos conhecimentos, das forças motrizes que impulsionam o mundo.

Neste universo em que o homem é o centro e o detentor de todas as chaves e engrenagens, que se sente dono do tempo, do espaço e de toda “vontade de potência” Nietzsche (2002. p. 4), parece não haver aceitação nem libertação dos ranços históricos, nem o sair das cavernas, como nos ensinou Platão em seu livro VII A República (2000), tampouco mudança desse sistema binário, muito menos, LIBERDADE sem necessidade de categorização.

Por outro lado, há mentes que tentam, remando contra uma maré impiedosa e letárgica, dar novo rumo a toda esta cultura, empoderando-se de conhecimentos e valendo-se de óticas comungadas em todo o mundo. No entanto, a construção dessas ideias e identidades é “[...] um processo minucioso, sutil, sempre inacabado” Louro (2007, p. 10).

Não precisamos, é claro, aguardar que as marés mudem, ou que os ranços sejam apagados, é preciso fazer parte dessa mudança, lutar junto, galgando conhecimentos, crescendo e bebendo de fontes lívidas de conhecimentos.

Outra questão colocada, referia-se as abordagens das temáticas relacionadas à diversidade de gênero nas aulas, bem como qual frequência eram trabalhadas. Vejamos o que nos revelam os discursos:

[...] o direito à educação seja assegurada a qualquer cidadão brasileiro, para isso, tem as políticas de combate às desigualdades de gênero e sexualidade precisam ser implementadas a garantia aos cidadãos (R, AM).

Primeiro, respeitando sempre o outro. A partir de então, mostrando a evolução deste tema desde os tempos modernos, classificando a temática com relação a vida social e cultural do século XXI (S, KL).

Sinceramente ainda não desenvolvi abordagens para tal fim, contudo quando surgem comentários sobre esta questão discuto sobre a importância do respeito ao outro (A, BSG).

Como trabalho com a área de Humanas, a diversidade de gênero é um tema que constantemente as disciplinas de História, principalmente a de Sociologia abordam. Para além disso, quando o tema surge entre os estudantes, gosto de aproveitar a oportunidade para discutir com eles, relacionando com personagens de filmes, novelas e, principalmente com a situação vivenciada por eles [...](R, JCA).

Constantemente, incentivando muito a formação de grupos de forma heterogênea. Com base nas relações afetivas e emocionais, mostrando a todos o fato de sermos humanos (R, AM).

Quando abordo temas que acabe inserindo ao debate, Todavia, sempre é necessário fazer alguma alusão ao mesmo, mediante às forças midiáticas sobre todos nós (S, KL).

Mais uma vez diante das falas dos/as interlocutores/as da pesquisa, percebemos que a maioria dos professores fica parado/a diante de montanhas criadas pelos ranços e ignorâncias criadas ao longo do percurso histórico, são assustados/as por fantasmas tão sinistros e comuns, os quais são frutos de um jogo de poder, no qual são, mesmo sem se darem conta, títeres pachorrentos e, infelizmente, muitas das vezes acomodados/as; visto que apenas reproduzem conhecimentos, tabus e dão valor apenas à matéria pura, sem entremeios culturais, sem discussões voltadas para temas que fazem crescer o “eu cidadão”, o “eu pessoal” e mais humano.

Fazem o que os discursos históricos ensinam a fazer, ensinar apenas “isto” e “aquilo”, amordaçando e deixando de lado questões fora desses conteúdos seletos, tidos como necessários.

Contudo, é preciso lembramos, que não podemos, de maneira nenhuma, nós, cidadãos de qualquer sociedade que seja, aguardar que leis sejam elaboradas e cumpridas, de que o caldo fique menos espesso a ponto de enxergarmos soluções límpidas e fáceis, temos que, a partir de nosso conhecimento, de nossas vivências e venturas, (re)trilhar, (re)criar, (re)construir meios que proporcionem mudanças na maneira que muitos dos nossos semelhantes têm de ver o mundo e as pessoas, visto que, como já cantou Gerando Vandrê em sua canção “caminhando e cantando”, “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Não podemos conscientizar ninguém, é claro, pois isto é algo interno e demandam mudanças na forma de pensar, agir e ver o mundo, mas, partindo de nossos conhecimentos podemos tornar o caminho mais claro, menos doloroso e tortuoso. Freire (1987, p. 79) em sua máxima “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, leva-nos a pensar que não podemos mudar ou tornar nosso mundo melhor sem a educação, tampouco sem estarmos imersos, juntos, numa peleja em prol de crescimentos sutis ou significativos, não somos os mentores da mudança do outro, somos mentores de nossa própria mudança. No entanto, é imperativo estarmos em comunhão, imerso no mundo, vendo-o, conhecendo-o, partilhando.

Por outro lado, há sempre aqueles/as que se acomodam e não buscam saber mais a respeito de outros presentes, de tantos passados, de outros futuros e não encontram ou criam oportunidades para que temas colossais como o de gênero e o da sexualidade sejam abordados e discutidos em sala, pois, como rezam os PCN (2001, p. 8) “a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. [...]. Invade a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles”.

Estes temas não nos são alheios, pois estão dentro de nós, pululando, pedindo para serem ouvidos e vistos, cabe a todos/as nós, profissionais da educação ou não, ouvirmos essas vozes que gritam por meio de sinais e atitudes presentes em nosso cotidiano. Já que estamos pisando no solo da educação formal (escola), é tarefa de todos/as os/as envolvidos/as construir uma aura de normalidade continuamente para tratar desses temas, não deixando apenas que surjam em meio ao caminho, ou que serão tratados apenas quando um conteúdo der brechas ou quando convier. Os sinais são claros e a discussão torna-se cada vez mais necessária.

Como foi notado nas respostas dos/as professores/as acima, muitos/as ainda raramente acolhem essas temáticas em aula, ora por estarem mais preocupados/as com os conteúdos a

serem dados e não disporem de tempo para essas discussões, ora por aguardarem momentos oportunos, os quais demoram a existir ou quase não surgem. No entanto vem-nos a mente: como estes temas, relacionados a nossa natureza não fazem parte de nosso cotidiano? Como esconder que somos seres humanos com nossas sexualidades pulsando? Como deixar nossa sexualidade em casa? Não estamos sendo rasos e/ou vazios demais e deixando nossas funções aquém do que deveria ser? Precisamos antes de tudo sermos profissionais humanizados abertos a nos preparar para conteúdos que digam respeito a vida, pois o mundo exige muito de nós, não obstante, somos humanos e precisamos prepararmo-nos humanamente para a vida real, conhecendo nossos corpos, limites e sexualidades, sem ter vergonha ou medo, estas impostas pela sociedade e cultura ao decorrer dos anos.

Num segundo momento, ao serem interpelados/as como agiam e/ou se posicionavam para efetivar o direito de liberdade e diversidade de gênero no ambiente de trabalho, obtivemos algumas das respostas que assinalamos abaixo:

Compete à escola e aos docentes elaborar e manter estratégias que venham estimular aos discentes a capacidade crítica, a busca de consciência dos direitos e a sua valorização da desigualdade humana, com isso, superar e perpetuar o sonho de inclusão social dos seres humanos (R, AM).

Mostrando os direitos previstos em Lei (Constituição Federal) e promovendo debate sobre a necessidade de convivência e aceitação do(s) outro(s) (S, KL).

Ainda não me deparei com situações que exijam uma tomada de decisões (A, BSG).

Praticamente nenhuma. Quando surge discriminação entre sexo masculino e feminino, abordo sobre o respeito a diversidade de gêneros, a igualdade de gênero (A, GORB).

De acordo com esses depoimentos, assinalamos que é estranho precisar tomar posturas para efetivar direitos fundamentais que nos são assegurados por lei, é evoluir quando o movimento é regressivo. De acordo com a Constituição Federal, no título II que trata dos Direitos e Garantias Fundamentais, capítulo I, que trata dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, no artigo 5º, lemos: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, [...]” (BRASIL, 1988),

dessa forma, o que nos compete é zelar e cobrar pela efetivação desses direitos constitucionais, não podemos usar vendas, tampouco mordidas diante da violação ou preconceitos de qualquer natureza que seja. Somos, pois, seres de direitos e é nosso dever cobrar, zelar e fazer com que nossos ambientes de convívio sejam melhores e mais humanos.

O que vivemos é uma eterna negação de direitos e uma perpetuação de ideologias que dominam toda a nossa sociedade vinda de momentos históricos bem definidos, determinando quem manda e quem pode ser mandado, quem tem direitos e quem tem deveres.

A história humana foi escrita por homens e mulheres que lutaram para serem livres ou mataram e/ou escravizaram para terem poder. Ao passar do tempo, criou-se uma cultura em que o homem detém de todos os privilégios da/na sociedade, as mulheres, tidas como frágeis e impuras, passaram a viver na sombra dos homens, sendo subjugadas a eles, acatando piamente as ordens e os desejos. A religião foi fundamental também para perpetuar essa ideia, não se vê mulheres no papado, ou costumeiramente sendo rainhas, o poder, era manipulado pelos homens.

Muito passou e a história ainda nos apresenta fatos que consolidam esses ranços, os quais ainda fantasmagorizam nossos dias, em que mulheres desempenham funções inferiores aos homens e ganham menos do que eles, em que gays e lésbicas são enxotados, vistos como “doentes” a serem curados por uma sociedade em coma. O tempo todo estamos vivenciando uma era dos contrastes, em que, apenas o vizinho é preconceituoso, mas minhas ações comprovam o quanto somos também.

Honoré de Balzac (apud DINIZ & LIMA, 2015) nos traz uma máxima ainda viva em nossos dias “a igualdade pode ser um direito, mas não há poder sobre a Terra capaz de a tornar um facto”, vivemos nesse apagamento constante, nessa perpetuação de ideologias, numa construção da história ainda pela ótica dos vencedores. Infelizmente, precisamos requerer nossos direitos constitucionais e, fugir dos enquadramentos cada vez mais preconceituosos. Boaventura (2003, p. 56) leva-nos a pensar nesse binômio igualdade e diferença quando diz que “[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza”.

Somos diferentes por natureza, não parecemos, nem pensamos iguais uns aos outros, não somos feitos em série, mas gestados, maturados por seres humanos, com os quais

passamos a vida inteira em processo de maturação, de evolução. No entanto, enquanto ser diferente é saudável (no tocante ao físico, psíquico, comportamental...), ser diferente também nos traz grandes males, pois, uns têm mais direitos do que outros. É fácil de averiguar isto em nossa sociedade, em que negros, mulheres, gays... e tantas ditas “minorias”, são guetizadas, apagadas na sociedade devido à crença de uma raça detentora de todo o poder, subjugadora, impiedosa.

Na lei, apenas no papel, somos iguais, pois, em prática, no pior sentido da palavra “diferente”, somos enquadrados e vistos como objetos ao invés de seres humanos. Então, como bem aponta alguns professores acima, não há igualdade de gênero em um país em que os não pertencentes ao grupo dominante são tratados como não humanos, ou seja, seres inferiores.

Em outro momento, aos serem interpelados/as se trabalhavam com práticas pedagógicas que desenvolvem/promovem a igualdade entre gêneros e pedia-se também que enumerasse algumas destas práticas. Nesse sentido, obtivemos as seguintes respostas:

Sim. Formando indivíduos mais conscientes, respeitosos e responsáveis com a transformação social e assumindo o compromisso e o dever de trabalhar no resgate de valores éticos e morais para um mundo mais humanizado (R, AM).

Sim. Interacionismo, construtivismo. Tais práticas são observadas por nós com o intuito de promover a união entre homem e mulher, observado sem peculiaridade, num ambiente cultural e histórico (S, KL).

Acredito que sim, pois para respeitar é preciso conhecer. Então, promovo pesquisa de conceitos relacionados ao tema (heterossexual, homossexual, bissexual, transsexual...) para evitar que usem termos pejorativos, leitura de textos relacionados ao tema, análise de vídeos e de filmes (R, JCA).

A escola é um dos espaços em que se (re)constrói conhecimento e amplia-se o leque cognoscitivo devido às trocas e intervenções existentes, no entanto, muitos dos profissionais acabam se deixando levar por suas crenças e ideologias pessoais para discutirem sobre determinados temas. Não se consegue ser neutro em discussões, visto que, somos também detentores de ideias baseadas naquilo que conhecemos, nossas palavras e pensamentos

também são políticos e carregados de saberes arraigados e desenvolvidos por nossas culturas de berço.

Nas palavras de Althusser (1970, p. 22) “por outras palavras, a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam “saberes práticos” mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da “prática” desta.

Nesse perspectiva, cabe-nos ratificar que a educação é produção ideológica e vem sendo arma poderosa nas mãos das elites, da burguesia, dos dominadores da sociedade em cada era. O conhecimento transmitido, ora por meio de transferências, ora timidamente construído, é escolhido por aqueles que se dizem os seres pensantes e passados por aqueles que detêm das ferramentas, metodologias e técnicas, os professores, para os seres que captam, ou devem, as informações, os alunos.

Conforme a fala dos/as interlocutores/as, podemos afirmar, que o que vem sendo abordado e discutido sobre a temática em questão, é pouco, o que tem sido feito por muitos de nós é quase nada. Precisamos sair de nossas zonas de conforto e dentro de nossas práticas, discutir, construir e ressignificar saberes, levando os sujeitos envolvidos nessa trama a gestarem autonomia e curiosidade, conhecimento e reconhecimentos, empoderando-se cada vez mais das produções intelectuais que dispomos, Somos pois, seres de direitos, e, cabe-nos não só tê-los, mas lutar por suas efetivações.

Em tempo, é preciso lembrar que os/as professores/as, encharcados/as por suas culturas e tabus, precisam estar em constante (re)construção e galgarem deslocamentos cognoscitivos vastos a ponto de sacá-los/as desses ranços culturais, sociais e históricos, dessas zonas abissais, virando as páginas temporais e efetivando em suas práticas a liberdade, a aceitação, o assegurar e o respeito. É preciso ver e tratar com naturalidade o que é visto como “anormal” por tantos de nós. Não estar enquadrado no binarismo de gênero ou pertencer a uma comunidade mutilada pela moda não deve ser tido como algo atípico ou inferior, mas tão humano quanto as outras manifestações.

Infelizmente, há também, o despreparo por parte de muitos dos sujeitos envolvidos com a educação, estes e estas, seres com a responsabilidade mister de discutir e mediar estes assuntos, acabam por, muitas das vezes, agressivamente, rechaçando e amordaçando estas

informações, as quais pululam, emergem dos/as adolescentes, negando-se a discutir estas temáticas, ora por ranços e pudores atrelados às formações e/ ou por insegurança e vergonha. É preciso a todo instante, perquirir e não fazer da estagnação e fossilização profissionais partes de nossa práxis, já que, “as demandas sociais na contemporaneidade tem suscitado a nos aventurar por diferentes saberes, competências, habilidades e fazeres, [...] buscando, num mundo cambiante, âncoras para nosso pensar e agir pedagógicos” Silva (2009, p. 151). É tempo de construirmos nossas bases em solos mais fecundos, visto que, podemos discutir e dialogar a respeito da construção de um novo aporte metodológico, levando em conta as rupturas que na própria sociedade vêm existindo e as aberturas histórico-sociais onde nos banhamos e bebemos. O momento histórico é propício, visto que, muitos dos tabus vêm sendo questionados e alguns eliminados ou ressignificados.

Considerações (não) finais

Nenhum ser humano é um barco a esmo no oceano, todos nós somos cheios de conhecimentos, ideias e sentimentos que deságuam de/em culturas diversas, as quais nos fazem crescer e tomar nossos rumos, pois, nossas culturas são nosso alicerce e faróis que nos iluminam durante nossas jornadas. Não há como começar, embrenhar-se em mundos tantos sem ter um ponto de partida.

Nós não somos caixinhas em que depositam fichas, das quais apossamo-nos ao longo de nossas jornadas, somos seres formados de carne, osso, sangue, desejos, culturas..., somos recheados dos mais puros e indomáveis sentimentos e anseios, somos caixas de pandora prontas para sermos abertas por nós mesmos em diversos pontos de nossas jornadas vitais, quando o entendimento sai do rudimentar e faz-nos evadir das tantas cavernas em que nos escondemos em vida.

Não somos, também, máquinas predeterminadas a sermos maus/más ou bons/boas, somos seres com livre arbítrio, forjados/as nas forjas do conhecimento e da humanidade, fundidos com tantas boas e puras intenções (Somos realmente bons? Somos realmente maus?) a ponto de transformar ou transtornar o mundo. Nascemos com nosso corpo, e ao passo que vivemos, vamos (re)aprendendo e (re)conhecendo-o, sabendo das limitações e superando nossas próprias expectativas. Somos diferentes e é isso que nos torna humanos.

Foucault (1988) ensina-nos, por meio de análise histórica, que o tema sexualidade já foi deveras aberto e tratado com muita naturalidade, os termos e temas eram abertos e usados por todos sem distinção, mas, décadas foram se passando e a sexualidade deixa de ser assunto corriqueiro para ser assunto “anormal”, “amoral”, vexatório, o qual só poderia ser mencionado escondido dentro das “camarinhas”, por meio de palavras novas, criadas para amainar o peso de falar sobre algo tão vulgar: o sexo.

Como podemos esconder algo que está em nossa natureza? Como suprimir e extrair a sexualidade de nossos vizinhos, crianças, as nossas mesmas? É uma luta inglória, é uma fuga impossível; não obstante, é isto que tem sido feito por muitos de nós. Estamos a todo tempo dizendo que é errado tratar da sexualidade humana, do gênero, das identidades ou de qualquer assunto relacionado, pois ensinaram-nos que é “errado”, é “promíscuo” e sujo falar, até o simples fato de mencionar.

Sexualidade e gênero estão inteiramente ligados à nossa construção social, esta, leva uma vida inteira para ser “definitiva” (algo que nunca é, pois estamos em constante mudança) e precisa de nossas experiências, trocas sociais, círculos sociais... para ter uma definição mais sólida. No entanto, a própria sociedade tenta nos forçar a seguir apenas um caminho, o da heteronormatividade, pregando o binarismo de gênero e prescrevendo o que pode e o que não pode dentro dos círculos sociais, dos estratos, desenhando estereótipos e padrões inatingíveis de beleza. É uma tentativa de “curar” o que nunca foi doença, de anormalizar o que é perfeitamente normal.

Sabemos que as culturas que nos cercam têm poder descomunal sobre nossas decisões e até maneira de viver, somos bombardeados por ordens simbólicas, ditadas a nós, ensinando o que devemos fazer, comer, pensar e vestir. Somos títeres humanos num jogo histórico e secular. A educação, como tantos pensadores pregaram e pregam, é uma chave que pode nos tirar desses fossos abissais de ignorância e servidão, mas, estamos fazendo educação ou reproduzindo, apenas, discursos já produzidos por elites que ditam as regras e a normalidade em cada época?

A educação deveria ser aliada, arma que ajudaria nessa luta pela humanização e busca pelo respeito, porém, o que se vê são retrocessos baseados em ranços cada vez mais fantasmagóricos e fortemente presentes em nossa sociedade.

A sexualidade humana é tão visível quanto a presença da coação quanto a ela, quase não se trata, discute ou aborda, pois, ainda estamos vivendo baseados em épocas de pudores que silenciam e ceifam as liberdades e as diferenças.

Durante essa pesquisa dialogamos com diversas vozes, traçando uma discussão a respeito dos termos gênero, sexo e sexualidade, a partir de trabalhos de escritores como: Beauvoir (1980), Foucault (1988), Louro (2007), Scott (1989), Sterling (1993), dentre outras fontes também pertinentes. Além disso, dialogamos também com as experiências dos professores e professoras da escola onde ocorreu a pesquisa.

Durante este trabalho, foi possível vislumbrar o quanto há, ainda, professores/as que não sabem do que se trata gênero e sexualidade, muita confusão com os termos e ideias, levadas erroneamente (quando são) para as salas de aula. Os professores disseram, em muitas de suas falas que não há espaço e tempo para tratar de assuntos como estes. Contudo, como é mais visível ainda, é a tentativa de reprimir ou fingir que não aparecem essas temáticas.

Estamos nas salas de aula apenas para ensinar conteúdos técnicos, às vezes totalmente dissociados com a vivência de nossos educandos? Estamos, quiçá, esquecendo que há um lado humano lutando para ser visto e ouvido em todos os ambientes? Precisamos aprender que nossos tabus, muitas das vezes são mordanças que escondem os ecos e ranços perpassados até nossa existência, somos nós que precisamos desatar e trazer liberdade até nossas falas e ações. É preciso despirmo-nos de preconceitos para, a partir daí, abordar com conhecimentos estes temas.

Enfim, a diversidade de gênero e a identidade de gênero têm sido amordaçadas a todo tempo em nossas casas, sociedades e escolas, mas, discutir, pesquisar e compreender estes temas são imperativamente necessários em qualquer esfera ou grupo social. A discussão e a abordagem destes temas são diálogos necessários em sala de aula e devem existir não apenas quando der, ou quando um assunto tratar destas temáticas, é preciso abordá-los, discuti-los para que cada uma das identidades de gênero ali presentes (homem, mulher, transgênero...) seja respeitada e tratada com normalidade, pois, cada um tem o direito de se expressar e pensar como bem entender.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BORGES, Ana Luiza Vilela. **Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes**. Rev. Esc. Enferm. USP, p. 597-604, 2007.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- _____. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001. 164 p.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Técnicas especiais. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. 3 ed. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1983.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Educação e Mudança**. 12 ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista. Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.
- _____. (Org.) **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal** (tradução de Paulo César de Souza). 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PLATÃO. **A República**. Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000. p.319-322.

ROSA, João Guimarães de. **Grande Sertão Veredas**. S/l: Editora Nova Aguilar, 1994. 1ed. 2vol.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Educação, gênero, sexualidade e corporeidade**: diálogos na escola. In: MESSEDER, Suely Aldir (org.). Enlaçando sexualidades. Salvador: EDUNEB, 2009. 236p. v1.

STERLING, Anne Fausto. **Os cinco sexos**: porque macho e fêmea não são o bastante. The Sciences March/April 1993, p.20-24.